

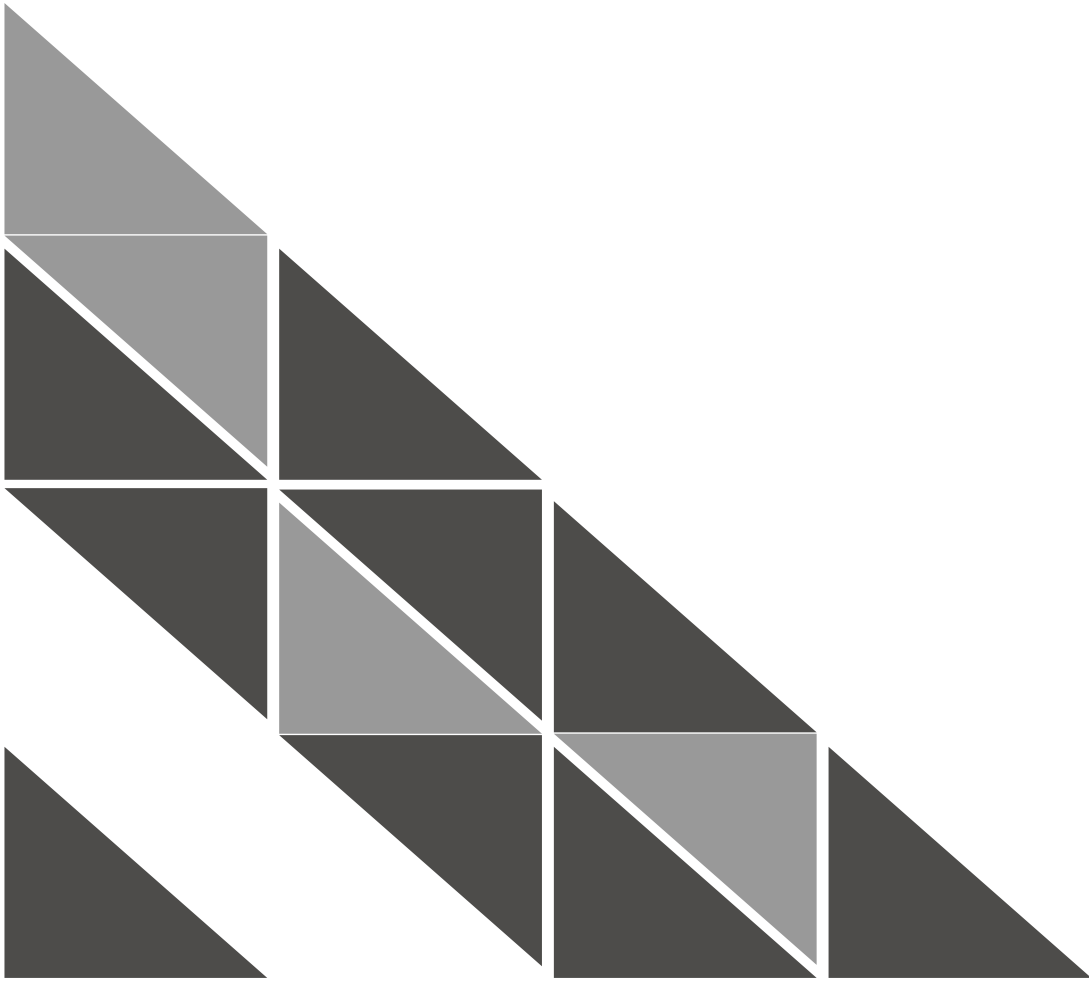


SÍNTESE ECONÔMICA

OUTUBRO / 2016



Fecomércio PE
Sesc | Senac
Instituto Fecomércio



SÍNTESE ECONÔMICA

OUTUBRO / 2016

Resumo

Os indicadores do comércio varejista brasileiro e do pernambucano ainda demonstram quedas significativas, porém o resultado do mês de agosto começa a apontar uma perda na força da desaceleração, pois os resultados, ainda que negativos, estão melhores que em 2015. Além disso, o indicador que mede o desempenho do setor no acumulado dos últimos 12 meses apresentou uma leve melhora, quebrando a tendência de aprofundamento dos meses anteriores. O único segmento que ainda apresenta acúmulo positivo no ano e em 12 meses é o de “Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria”, pois a questão da essencialidade dos medicamentos ainda consegue segurar a redução da demanda. Além desse fato, existe atualmente uma variedade de produtos que são comercializados nesses estabelecimentos (NÃO CITOU OS ESTEBELECIMENTOS ANTERIORMENTE), o que também auxilia na redução dos impactos negativos da atual crise econômica. Na outra ponta, os principais segmentos afetados pela atual conjuntura econômica estão ligados ao crédito, como é o caso de “Veículos e motos, partes e peças”, “Tecidos, vest. e calçados”, “Material de Construção”, “Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação” e “Móveis e eletrodomésticos”, que veem suas vendas e receitas serem reduzidas por uma maior restrição e encarecimento do crédito, fazendo com que as famílias adiem o consumo de produtos com preços mais elevados. O setor de serviços tem tendência semelhante ao do comércio, pois continua com recuos significativos nas vendas, porém ainda não conseguiu reverter a tendência de deterioração da taxa e a cada resultado acumula perdas maiores.

As condições do mercado de trabalho brasileiro revelam piora na taxa de desemprego trimestral,

que avançou de 11,3% para 11,8%, correspondendo a um acréscimo de aproximadamente 437 mil pessoas. A população ocupada vem caindo de maneira rápida e preocupante, pois, em apenas um ano, 2,3 milhões de pessoas perderam os seus empregos. A renda real dos ocupados também vem com tendência de queda, o que acaba afetando a massa de rendimento da população, que recuou 3,8% em apenas um ano. O mercado de trabalho formal do Brasil vem com ritmo de saldo negativo, porém com resultados melhores que em 2015 – em setembro o saldo foi de -39.282. Já em Pernambuco, o saldo voltou a ser positivo, apresentando o melhor desempenho entre os estados do Brasil, com a criação de 15.721 vagas. É importante destacar que as oportunidades foram dentro do setor da indústria de transformação e da agricultura.

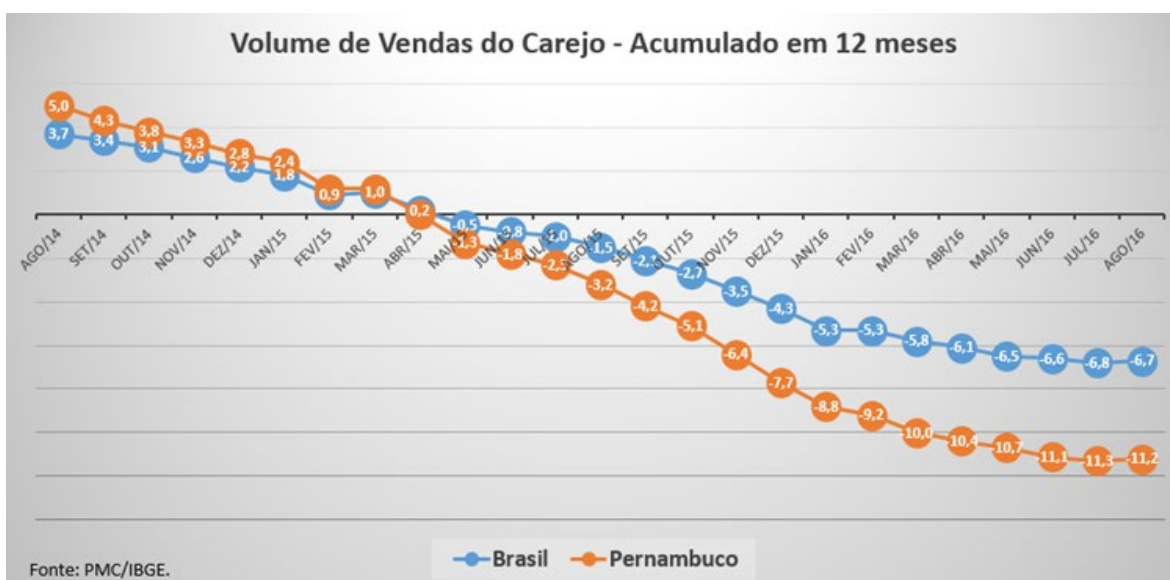
O Índice da CNC, que avalia a confiança do empresário pernambucano (ICEC), segue com recuperação acentuada, atingindo os 98 pontos, ficando assim a dois pontos da zona de indiferença (100 pontos). A pesquisa revela que as melhores expectativas estão no futuro da economia, do setor e da empresa, enquanto que as piores ainda estão na percepção das condições atuais. Já o Índice que mede o nível de consumo das famílias (ICF) tem apresentando melhora bastante modesta, com a maioria dos subíndices ainda na zona negativa, como é o caso das compras a prazo, nível de consumo atual, perspectiva de consumo e momento para duráveis. A Pesquisa de endividamento para o estado é a única das três que não apresenta melhora, pois revelou um aumento no percentual de endividados e das famílias que estão sem condições de pagar as contas.

1. Comércio

Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, o volume das vendas do Varejo brasileiro repetiu o resultado do mês anterior e caiu -0,6%, no indicador mensal. O desempenho de agosto de 2016 foi superior ao mesmo mês do ano anterior, quando o indicador havia recuado -0,9%. No comparativo anual, mês atual em relação ao mesmo mês do ano anterior, a queda foi de -5,5%. Este desempenho, apesar de ainda mostrar uma forte desaceleração, foi melhor que em julho de 2016 e agosto de 2015, quando as variações foram de -5,6% e -6,9%, respectivamente. O comparativo do acumulado ao ano, janeiro a agosto, também segue com valor negativo, recuando -6,6%

em relação ao mesmo período do ano anterior – a taxa é a mais baixa para os períodos encerrados em agosto desde 2001, ano de início da série. Porém existe uma melhora verificada nos quatro últimos resultados, quando a taxa era de -7,3%, -6,9% e -6,7% em maio, junho e julho, respectivamente. A média móvel trimestral, que é um indicador que antecipa a tendência em relação às vendas do Varejo, continua negativa e apresentou taxa de -0,3%, confirmando que o setor ainda no curto prazo continuará com tendência negativa, porém de maneira menos acentuada que nos períodos anteriores.

Gráfico 1



O gráfico acima revela uma modesta melhora do indicador que mede o desempenho dos últimos 12 meses em relação ao mesmo período de 2015, com a taxa saindo de -6,8% em julho para -6,7% em agosto – vale destacar que não se verificava um crescimento nesse tipo de comparativo desde março de 2015. Ainda é cedo para indicar uma retomada das vendas no setor, pois o país ainda se encontra com um mercado de trabalho bastante deteriorado, com taxa de desemprego crescente, crédito restrito, endividamento alto e uma inflação ainda pressionada, fazendo com que as famílias

ainda fiquem receosas. Porém a leve melhora verificada em agosto se alinha com a melhora das expectativas do mercado após a confirmação da nova equipe econômica.

O Varejo Ampliado, setor que agrega todos os índices do Varejo mais as atividades de “Veículos, motocicletas, partes e peças” e “Material de construção”, continua com cenário mais crítico que o restrito, pois todos os indicadores apresentam taxas negativas e mais deterioradas – os comparativos mensal, anual, no acumulado do ano e em

12 meses recuaram -2,0%, -7,7%, -9,3% e -10,2%, respectivamente.

Analisando o resultado mensal por tipo de segmento, verifica-se que apenas dois obtiveram resultado positivo: “Material de Construção” (+1,8%) e “Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo” (+0,8%), este vem sendo impactado positivamente pelo recuo dos preços do grupo “Alimentação e bebidas” do IPCA de agosto, que ficou bem abaixo do verificado nos meses anteriores, fazendo com que as famílias tenham um alívio no orçamento em relação ao consumo dos principais produtos que compõem a tradicional refeição brasileira. Já o segmento de “Tecidos, vestuário e calçados” teve desempenho nulo. Vale destacar que as três atividades apresentaram taxa melhor que o mês anterior e o mesmo mês do ano anterior. Já na outra ponta, e contribuindo de maneira efetiva para o recuo do varejo em agosto, os segmentos que têm o crédito e a confiança como motor de consumo continuam com quedas significativas. São eles: “Móveis e eletrodomésticos” (-2,1%), “Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação” (-5,0%) e “Veículos, motocicletas, partes e peças” (-4,8%).

O volume de vendas mensal do Varejo pernambucano em agosto de 2016 caiu -2,2%, desempenho mais uma vez abaixo do nacional (-0,6%), o que mostra que a atual desaceleração econômica vem afetando o estado de maneira mais significativa. Esse resultado também foi inferior ao mês anterior e ao mesmo mês do ano anterior, quando a taxa havia recuado -1,0% e -1,3%, respectivamente, além de ser o mais fraco desempenho para os meses de agosto desde 2011, quando o indicador recuou -2,7%. No comparativo anual, após uma leve melhora, a queda voltou a ficar em dois dígitos

(-10,1%). Apesar disso, o resultado consegue ser um pouco melhor que em agosto de 2015 (-11,5%). O ano de 2016 apresenta a terceira taxa negativa consecutiva para o mês, sendo as dos dois últimos anos as mais baixas de toda a série histórica. No ano o acumulado é de -11,0%, sendo este o pior resultado para agosto desde 2001, a desaceleração é praticamente o dobro do verificado no mesmo período do ano passado (-5,7%). Para o indicador que mede o acumulado em 12 meses, o resultado para o estado segue o nacional e apresenta modesta melhora, saindo de -11,3% para -11,2%. Este é o primeiro crescimento após vinte e seis meses consecutivos de queda – a última vez havia sido entre os meses de abril e maio de 2014, quando o indicador foi de +6,7% para +6,9%.

Analisando por tipo de segmento, no comparativo anual, os mais baixos resultados, assim como o nacional, têm o crédito como poder de consumo. As atividades de “Móveis e eletrodomésticos”, “Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação” e “Veículos, motocicletas, partes e peças” são as mais deterioradas com quedas acima dos 20%, consequência de uma confiança reduzida e taxa de desemprego no estado maior que a nacional, além de uma inflação também pressionada, corroendo a renda real da população e impondo um menor poder de compra. Todos esses fatores acabam direcionando a população ao consumo de bens mais essenciais, colocando bens com preços mais altos em segundo plano. Outros dois segmentos que também têm o crédito como meio de compra são “Tecidos, vestuários e calçados” e “Material de construção”. Eles acumulam no ano variação negativa de -15,1% e -15,6%, respectivamente.

Tabela 01 – Pernambuco – Variação do Comércio Varejista e Varejista ampliado por atividades

ATIVIDADES	MÊS/ MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO NO ANO	ACUMULADO EM 12 MESES
	JUNHO	JULHO	AGOSTO		
Combustíveis e lubrificantes	-0,6	-3,0	1,2	-8,1	-9,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-7,6	-6,2	-12,1	-9,3	-9,0
Tecidos, vestuário e calçados	-14,8	-10,6	-31,1	-15,1	-16,9
Móveis e eletrodomésticos	-28,9	-35,7	-2,3	-29,3	-28,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-2,0	-0,7	-11,8	1,5	3,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	-17,3	-7,8	-23,3	-7,5	-8,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-20,1	-25,7	0,4	19,3	-25,7
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-8,9	-6,5	-19,5	-6,0	-3,6
Veículos, motocicletas, partes e peças	-18,6	-21,5	-0,2	-22,9	-26,3
Material de construção	-11,4	-13,8	-10,1	-15,6	-15,3
Varejo	-10,0	-9,6	-11,5	-11,0	-11,2
Varejo Ampliado	-12,2	-13,1		-14,5	-15,4

Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), IBGE. Elaboração: Instituto Fecomércio-PE

Apenas o segmento de “Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria” em Pernambuco continua apresentando acúmulo positivo no ano (+1,5%) e em 12 meses (+3,8%), pois é impactado pela questão da essencialidade dos medicamentos,

não podendo, assim, ter o seu consumo adiado e por terem as farmácias, atualmente, uma grande variedade de produtos, fazendo, assim, com que o volume de vendas seja sustentado.

2. Serviços

Segundo o IBGE, através da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), o volume mensal de serviços brasileiro, indicador que compara o mês atual com o mês anterior, caiu -1,6%. O valor é o mais baixo para o tipo de comparação no ano e é inferior ao mês de julho de 2016 e agosto de 2015, que haviam avançado 0,7% e 0,2%, respectivamente. O volume de serviços continua apresentando oscilação entre modestos resultados positivos e negativos desde fevereiro. No comparativo anual, mês atual em relação ao mesmo mês do ano anterior, a queda foi de -3,9%. Esta é a décima sétima taxa negativa consecutiva e a menor para os meses de agosto desde o início da série histórica. No ano, janeiro a agosto, o acumulado é de -4,7%, valor bem superior ao mesmo período

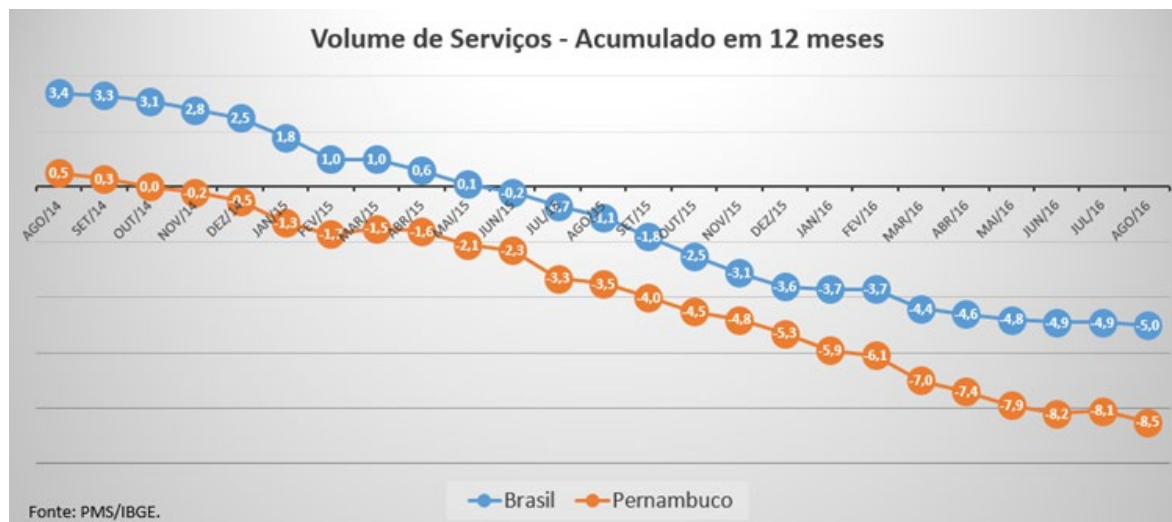
de 2015, quando a queda foi de -2,6%, porém é o quarto mês de acumulado consecutivo de leve melhora na taxa. O valor negativo do acumulado acende um sinal vermelho para o desempenho do setor em 2016, pois continua apresentando recuos grandes em cima de uma base de comparação já bastante deteriorada como o ano de 2015. Faltando apenas 5 meses para encerrar o ano, a expectativa é de que o setor tenha a pior taxa dos últimos anos.

O acumulado em 12 meses, conforme gráfico abaixo, apesar de não apresentar quedas bruscas como em períodos anteriores, voltou a recuar, saindo de -4,9% em julho para -5,0% em agosto. Para o setor de serviços, o indicador dá sinais de

que o limite mínimo está próximo, pois a curva inicia uma tendência de manutenção da taxa oscilando em torno de -5,0%. Quando comparado com o mesmo período de 2015, o indicador mostra

uma deterioração quase 5 vezes maior, pois havia recuado -1,1%.

Gráfico 2



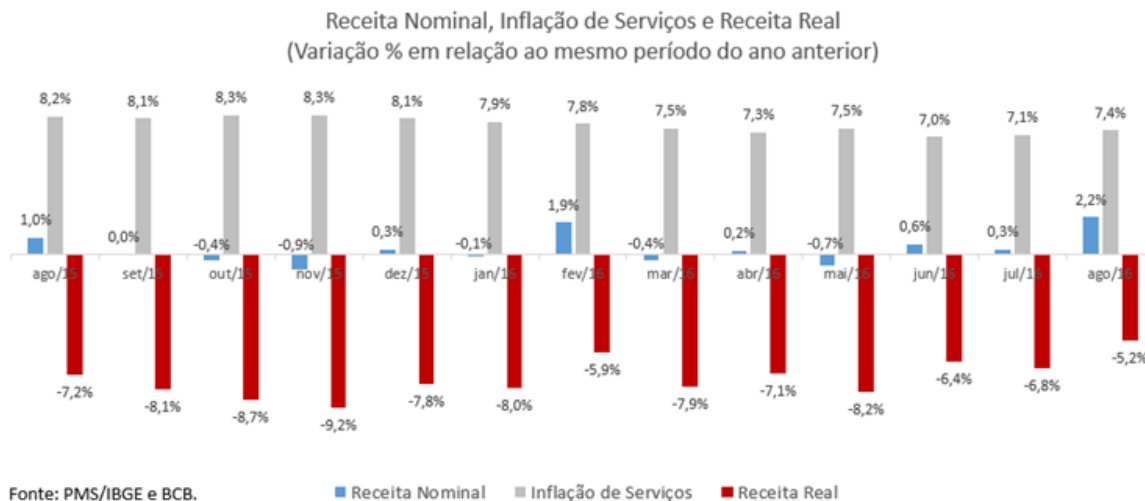
Quando se analisa o desempenho do mês atual em relação ao mesmo mês do ano anterior por tipo de serviço, verifica-se que todos os tipos apresentaram resultado negativo, ou seja, em relação a 2015, as vendas pioraram. Os destaques negativos repetem o mês anterior e voltam a ficar com os “Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio” (-9,0%) e “Serviços profissionais, administrativos e complementares” (-3,7%). O primeiro foi influenciado pela queda nos três tipos de transportes (terrestre (-8,7%), aéreo (-9,2%) e aquaviário (-17,1%)) e nos serviços auxiliares (-6,3%); o segundo, principalmente, pela grave desaceleração dos serviços técnico-profissionais (-13,6%) e dos serviços administrativos e complementares (-0,3%).

Essas atividades estão ligadas ao desempenho do setor da Indústria e do Comércio, que são os principais demandantes desses tipos de serviços. No momento em que esses setores começam a ajustar despesas por queda em suas vendas, tendem a renegociar contratos ligados aos

serviços e, em alguns casos, cancelam por não terem projeções de vendas que acompanhem os investimentos, reduzindo o montante contratado ou negociando valores mais baixos, fazendo com que o volume de serviços caia de forma significativa. Na outra ponta, a atividade com o melhor desempenho, apesar de negativo, foram os serviços de informação e comunicação, que recuaram (-0,2%), impactados pelo bom desempenho dos serviços de TI.

Analisando o resultado pela ótica da receita, verifica-se que o único indicador com valor negativo foi o mensal (-0,4%), quebrando a sequência positiva dos últimos três meses e tendo pior resultado que em agosto de 2015 (+0,2%). No comparativo anual, a receita ficou com crescimento de +2,2%, melhor taxa entre os meses de 2016 e o dobro da verificada no mesmo mês do ano anterior.

Gráfico 3



Quando se analisa a receita real, verifica-se o tamanho do prejuízo pelo qual passa o setor de serviços, atualmente. Há mais de 12 meses no negativo, a receita real das vendas está sendo corroída por uma inflação de serviços ainda bastante pressionada, acima dos 7%, conforme gráfico acima, somada a um desaquecimento das vendas devido ao quadro econômico recessivo.

O setor de serviços pernambucano apresenta situação ainda mais grave que o cenário nacional. O mês de agosto apresentou recuo de -3,1% no comparativo mensal, resultado inferior a julho de 2016 e agosto de 2015, quando houve crescimento de 2,1% e 1,1%, respectivamente. Vale destacar também que esse é o menor resultado para o mês de agosto nesse tipo de comparativo desde 2012. Quando se faz o comparativo em relação ao mesmo mês do ano anterior, o volume de serviço

recua -10,0%. No mesmo período de 2015, a queda foi de -5,1%, quase metade da atual, mostrando que este ano tem uma conjuntura bem pior que o ano anterior. O movimento dos três últimos meses para este tipo de comparação mostra um agravamento do desempenho. Nos acumulados ao ano e em 12 meses, o sinal negativo continua presente com o primeiro (PRIMEIRO O QUÊ?) quase atingindo os dois dígitos e apresentando leve piora, saindo de 9,3% em julho para 9,4% em agosto - no mesmo período de 2015, o recuo era de 4,4%, menos da metade da taxa atual. No indicador que acumula o resultado dos últimos 12 meses, existe uma tendência de piora, porém de maneira menos intensa, assim como o cenário nacional.

Tabela 02

ATIVIDADES DE SERVIÇOS	MÊS/ MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			ACUMULADO	
	TAXA DE VARIAÇÃO			TAXA DE VARIAÇÃO	
	JUNHO	JULHO	AGOSTO	NO ANO	EM 12 MESES
Total	-7,6	-8,1	-10,0	-9,4	-8,5
1. Serviços prestados às famílias	-3,1	-3,1	-1,6	-1,3	-3,6
2. Serviços de informação e comunicação	-8,7	-5,1	-5,7	-7,7	-7,4
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-16,3	-18,9	-19,3	-20,3	-18,0
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,2	-4,6	-10,0	-3,9	-2,5
5. Outros serviços	-4,7	0,5	2,4	-9,6	-8,9

Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS)

Quando se analisa o resultado por tipo de serviço, verifica-se que para Pernambuco o tipo com maior deterioração são os “Serviços profissionais, administrativos e complementares”, com recuo de -19,3% em agosto e acúmulos de -20,3% e -18,0% no ano e em 12 meses, respectivamente. Essa atividade, conforme já informado, tem como principal demandante o setor industrial, pois incorpora os serviços técnico-profissionais, que atualmente vêm passando por um grande desaquecimento e é obrigado a cancelar e a reaver contratos, impactando negativamente o desempenho do volume de serviços da atividade.

A crise no quadro político e econômico do Brasil, vivenciada desde 2014, afetou de maneira significativa a confiança dos agentes, fazendo com que famílias, diante de inflação alta, mercado de trabalho deteriorado e crédito restrito, adiassem o momento para o consumo, principalmente ligado a serviços considerados menos essenciais. Já os empresários, principalmente do comércio e da indústria, afetados pela queda do consumo da população, são obrigados a reavaliar as despesas, reduzindo investimentos e renegociando contratos como os de transportes e de serviços técnicos. Esse quadro vem sendo mais intensificado no estado de Pernambuco, que atualmente reflete a recessão com taxas com recuos mais significativos que a nacional.

3. Emprego e Renda

A taxa de desocupação trimestral brasileira, informada pela PNAD trimestral do IBGE, continua com tendência de crescimento, atingindo 11,8% no trimestre móvel de jul-ago-set de 2016. O resultado é maior que no trimestre anterior (abr-mai-jun de 2016) e que o mesmo trimestre do ano anterior, quando o desemprego atingiu as taxas de 11,3% e 8,9%, respectivamente. A população desocupada, segundo a pesquisa, foi estimada em 12,0 milhões de pessoas, variando 3,8% (acréscimo de 437 mil pessoas) em relação ao trimestre de abril de junho de 2016 e 33,9% (acréscimo de 3,0 milhões

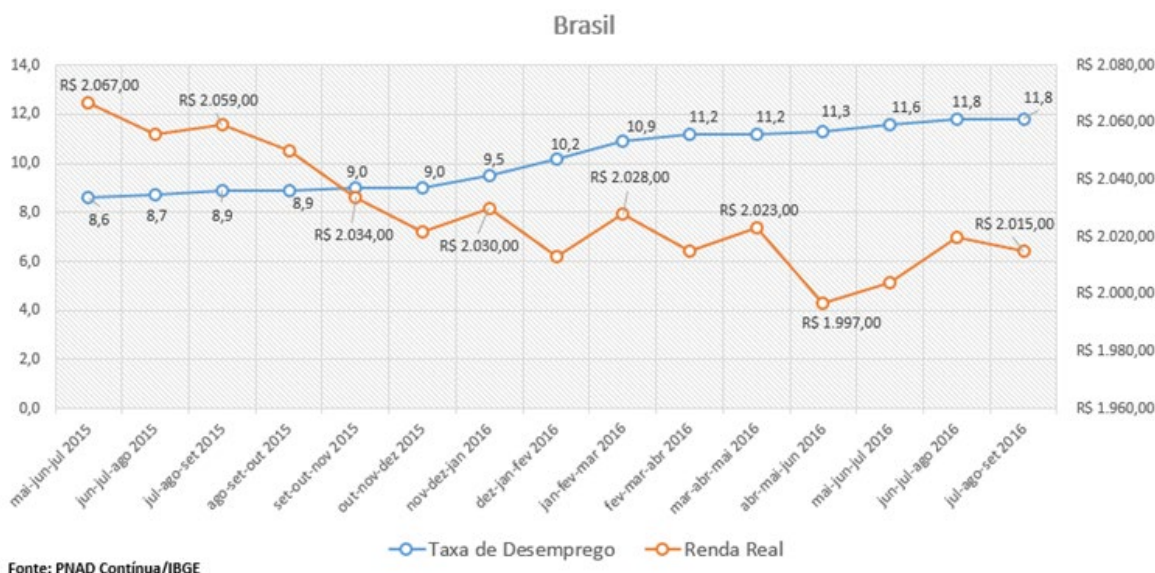
de pessoas), quando comparado com igual trimestre de 2015. Na outra ponta, a população ocupada, estimada em 89,8 milhões de pessoas, teve uma redução de 1,1% em relação ao trimestre abr-mai-jun de 2016, o que equivale a menos 963 mil pessoas, quando comparado com igual trimestre de 2015, houve uma queda de 2,4%.

A renda real da população ocupada apresentou um avanço positivo de um trimestre para outro, pois a renda saiu de R\$ 1.997,00 em abr-mai-jun para R\$ 2.015,00 em jul-ago-set de 2016. Porém,

em relação a setembro de 2015, a renda real voltou a recuar, caindo -2,1%. O gráfico abaixo mostra uma realidade bem complicada para o mercado de trabalho, com taxa de desemprego crescente e renda real voltando a ser reduzida, fazendo com que

a confiança da população demore a ser restaurada, impactando, negativa e principalmente, o desempenho das vendas do comércio e dos serviços.

Gráfico 5



O mercado de trabalho formal brasileiro continua mostrando dificuldades, porém o resultado do mês de setembro, apesar de negativo, foi melhor que em 2015. Foram fechadas 39.282 vagas, enquanto que no mesmo período do ano anterior encerraram-se 95.602 empregos. Vale destacar que a indústria de transformação (+9.363) e o comércio (+3.940), por estarem em um período de contratação de temporários, tiveram saldo positivo, enquanto que na construção civil, serviços e agropecuária o saldo foi negativo em -27.591, -15.141 e -8.198, respectivamente. No acumulado do ano e em 12 meses, o Brasil fechou mais de 700 mil e 1,6 milhões de vagas, respectivamente.

Pernambuco, em setembro, foi o estado com o melhor saldo positivo de empregos formais, gerando 15.721 vagas - o resultado foi melhor que em setembro de 2015, quando o saldo positivo ficou em 15.248. É importante frisar que o bom desempenho é influenciado pela sazonalidade do cultivo da cana-de-açúcar, que tem no mês de setembro um grande aquecimento, o que acaba demandando

mais mão de obra. A indústria de transformação foi o setor com o melhor desempenho, com saldo positivo de 8.184 vagas, com a Zona da Mata ficando responsável pela maioria delas, geradas nos polos industriais dos municípios de Sirinhaém, Goiana e Vitória de Santo Antão. Em seguida vem a agricultura, com a criação de 7.859 vagas e sendo o único setor com desempenho positivo nas cinco mesorregiões de Pernambuco. O comércio e os serviços também ficaram com saldo positivo, porém de maneira bem modesta, enquanto que a construção civil e os serviços de utilidade pública ficaram negativos.

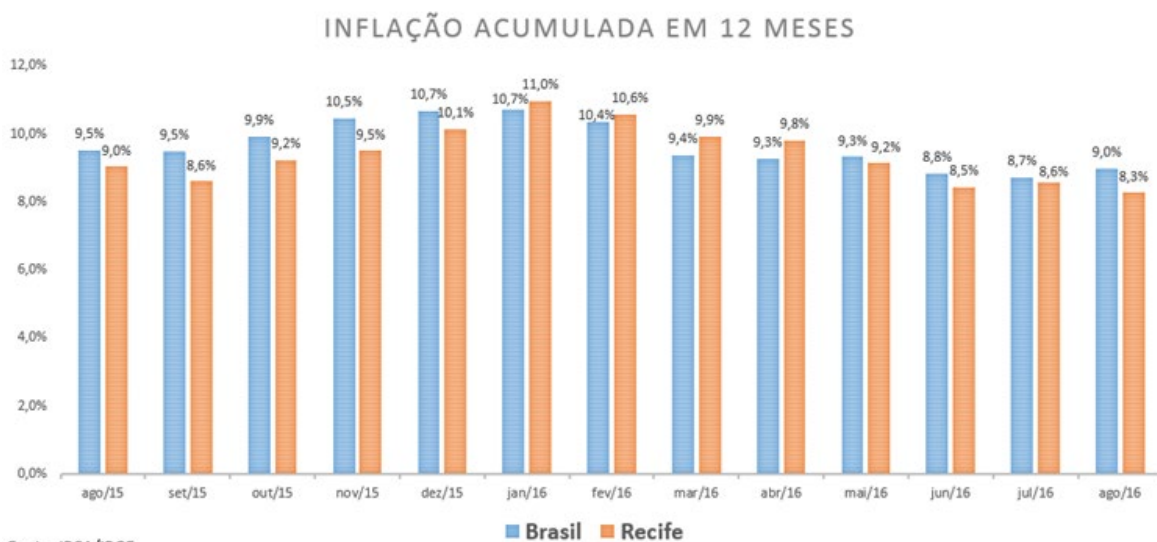
No ano, janeiro a setembro, o mercado de trabalho de Pernambuco acumula saldo negativo de -31.529 (EMPREGOS? VAGAS?), a mesma tendência se encontra o acumulado em 12 meses, que apresentou resultado de -58.141 empregos a menos. Apesar de negativos, os resultados conseguem ser bem melhores que os verificados no mesmo período de 2015, revelando uma desaceleração menos acentuada.

4. Inflação

A inflação brasileira, medida através do IPCA, mostrou desaceleração no mês de agosto, ficando em 0,44% – o resultado é inferior a julho de 2016 e superior a agosto de 2015, quando atingiram 0,52% e 0,22%, respectivamente. Essa é a terceira menor taxa mensal entre os meses de 2016 e ainda mostra uma inflação resistente e preocupante. No ano de janeiro a agosto, o acumulado é de 5,42%, quase 1% acima da meta de 4,5% e próximo ao teto de 6,5%, determinado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), o que aumenta a probabilidade do Banco Central não conseguir manter a inflação abaixo do teto até dezembro de 2016.

Quando comparado ao mesmo período de 2015, verifica-se que existe uma melhora nos números, pois o mesmo período do ano anterior acumulou alta de 7,06%, resultado que já havia estourado o teto. O indicador que mede o desempenho da inflação no acumulado em 12 meses voltou a subir, isto porque o resultado mensal de agosto veio o dobro do verificado em 2015. O acumulado foi de 8,97%, superior aos dois últimos meses e inferior a agosto de 2015 (9,53%), mostrando uma quebra na tendência de melhora da inflação que estava ocorrendo nos últimos três meses, conforme pode se verificar no gráfico abaixo.

Gráfico 6



O resultado veio próximo ao esperado pelo mercado, que através do Boletim Focus do Banco Central, estimou uma taxa de 0,42%. Este resultado mostra que os analistas conseguiram ajustar as expectativas inflacionárias, pois os resultados de junho e julho haviam apresentado desvios. Vale destacar que, mesmo ficando bem próxima da realidade, a projeção ainda ficou abaixo da taxa real, o que aponta ainda um viés para cima na alta dos preços. Para o mês de setembro, o mercado projeta um avanço de 0,24%, valor inferior ao mês de agosto e inferior a setembro de 2015 (0,54%), que, se confirmado, fará com que o acumulado ao ano

e em 12 meses recue. O Boletim também avalia que a inflação de 2016 encerre em 7,23%, valor abaixo do ano anterior, mas ainda acima do teto da meta – já para 2017 a projeção é de uma inflação controlada em 5,07%.

Analisando o resultado por grupo, verifica-se que os que mais impactaram a taxa foram “Saúde e Cuidados Pessoais” e “Despesas Pessoais”, que avançaram 0,80% e 0,96%, respectivamente. O primeiro foi impactado pela alta dos preços em produtos farmacêuticos e óticos, serviços de saúde, como médicos e dentistas, e cuidados pessoais,

enquanto que o segundo apresentou reajustes nos preços de serviços pessoais, como manicure e empregado doméstico, e em Recreação, fumo e fotografia nos itens recreação, hotéis e excursões. O grupo de “Alimentação e bebidas”, responsável por grande parte da pressão inflacionária dos últimos meses, desacelerou em agosto, caindo de 1,32% para 0,30%, porém, como apresenta o maior peso na composição da taxa, ainda foi responsável pela terceira maior contribuição. Na outra ponta, os grupos com as menores pressões nos preços foram “Artigos de Residência”, “Vestuário” e “Comunicação”, que contribuíram com 0,01 p.p., 0,01 p.p. e 0,00 p.p. para a taxa global.

A Região Metropolitana do Recife (RMR) foi a única entre todas as treze regiões pesquisadas a apresentar deflação no mês de agosto – o indicador mensal recuou -0,09% –, o resultado é inferior

a julho de 2016 (0,79%) e a agosto de 2015 (0,18%), sendo este também o menor resultado mensal desde julho de 2014 e o menor resultado para os meses de agosto desde 2010, quando os indicadores ficaram em -0,26% e -0,54%. No acumulado do ano, o indicador apresentou o primeiro recuo, indo de 5,37% para 5,28% – a taxa segue tendência semelhante à nacional, com um resultado alto, porém melhor que o mesmo período de 2015 (7,10%). No indicador que mede o acumulado em 12 meses, a taxa apresentou leve desaceleração, caindo de 8,57% em julho para 8,28%. Vale destacar que os resultados da RMR se encontram abaixo do nacional há quatro meses consecutivos e foram inferiores aos do mesmo período do ano passado, quando cresceram 9,03%.

Tabela 03 – Região Metropolitana do Recife – IPCA 2016

GRUPO	VARIAÇÃO		IMPACTO (P.P.)	
	JULHO	AGOSTO	JULHO	AGOSTO
Índice Geral	0,79	-0,09	0,79	-0,09
1. Alimentação e bebidas	0,96	-0,03	0,27	-0,01
2. Habitação	1,21	-0,61	0,17	-0,09
3. Artigos e residência	0,88	0,30	0,04	0,01
4. Vestuário	-0,25	-0,28	-0,02	-0,02
5. Transportes	1,13	-0,33	0,17	-0,05
6. Saúde e cuidados pessoais	0,80	0,35	0,10	0,05
7. Despesas pessoais	0,47	0,12	0,05	0,01
8. Educação	0,16	0,19	0,01	0,01
9. Comunicação	0,02	-0,15	0,00	-0,01

Fonte: IPCA/IBGE.

Analisando por grupo, verifica-se que na RMR apenas quatro apresentaram alta nos preços em relação ao mês anterior, com a principal pressão em “Saúde e Cuidados Pessoais”, que contribuiu com 0,05 p.p. para a formação global da taxa – o item de maior impacto no grupo foi o custo com hospitalização e cirurgia. Os outros três grupos, “Artigos de residência”, “Despesas pessoais” e “Educação” contribuíram apenas com 0,01 p.p. cada. Na outra ponta, cinco dos nove grupos ficaram com recuo nos preços, com destaque para “Habitação” e “Transportes” que recuaram -0,61% e -0,33%, respectivamente. O primeiro foi impactado

principalmente pela queda no preço da energia elétrica; o segundo, pelo recuo no valor das passagens aéreas.

Os cinco produtos com maior variação positiva em agosto para a RMR foram o mamão (14,03%), o leite em pó (9,74%), o leite longa vida (8,99%), o ônibus intermunicipal (7,77%) e o queijo (7,39%). Na outra ponta, os produtos que tiveram o preço apresentando variação negativa foram cebola (-20,49%), batata-inglesa (-15,39%), abacaxi (-15,24%), uva (-13,42%) e passagem aérea (-12,43).

5. Índices CNC

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) de Pernambuco continua sua trajetória positiva iniciada em maio de 2016, quando o indicador passou a apresentar uma recuperação mensal contínua. Vale destacar que maio foi o mês em que o atual presidente Michel Temer assumiu a presidência e colocou uma nova equipe econômica no poder, conseguindo alterar as expectativas do mercado. O indicador se encontra com 98,8 pontos e se aproxima da zona positiva (acima dos 100 pontos), revelando um crescimento rápido da maioria dos empresários de Pernambuco. A velocidade da recuperação da confiança pode ser melhor verificada no gráfico abaixo, que a partir de maio fica com uma curva

ascendente. Todos os subíndices que compõem o indicador apresentam crescimento, porém a percepção de condições atuais dos empresários ainda está em um patamar bastante negativo, com apenas 59 pontos, com as condições correntes da economia ficando com a pior avaliação. Outro subíndice que ainda está abaixo dos 100 pontos é a avaliação dos Investimentos, com o nível de investimentos e a situação do estoque ainda considerados insatisfatórios. Na outra ponta do indicador, temos a expectativa de contratação na zona positiva. Quando o setor é questionado sobre o futuro, os agentes que compõem a pesquisa se mostram bastante positivos, com expectativa positiva da economia, do setor e da empresa.

Gráfico 7

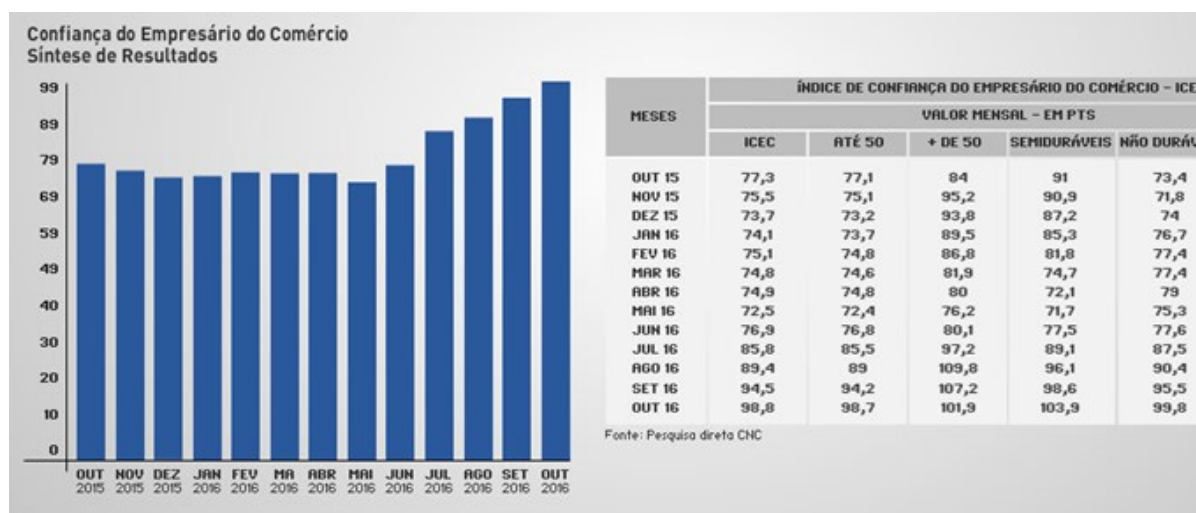
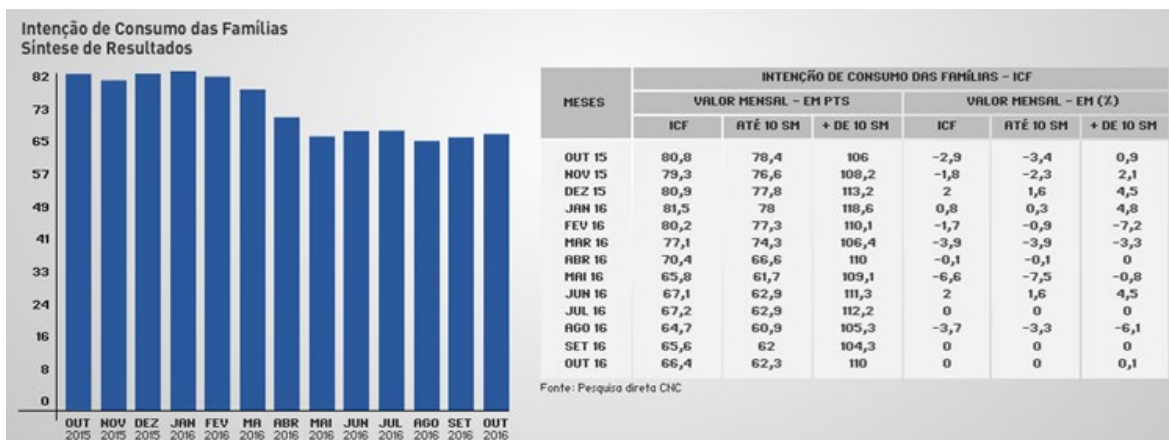


Gráfico 8

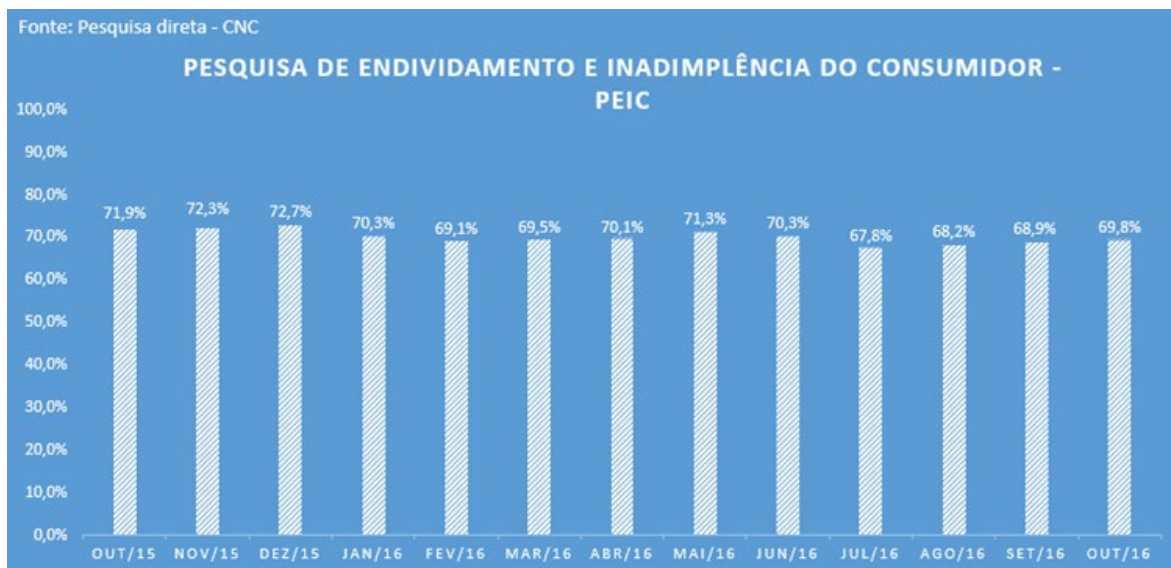


O Índice de Consumo das Famílias (ICF) Pernambucanas, apesar de demonstrar recuperação, não vem apresentando a mesma velocidade que a confiança dos empresários - com avanços modestos nos últimos dois meses. O indicador está com 66,4 pontos, o que o deixa na zona negativa e revela que a recuperação da confiança das famílias não apresentou a mesma resposta que a dos empresários com a troca de governante. O gráfico acima mostra que apenas as famílias que têm renda abaixo de 10 salários mínimos estão com intenção de consumo negativo com 78,4 pontos, enquanto as que recebem acima deste valor se encontram na zona positiva com 108 pontos. Esse resultado mostra que atualmente as condições da economia, com desemprego em alta e inflação pressionada, estão impactando de maneira bem mais forte a classe de trabalhadores com menores rendimentos, que são os que precisam de uma maior utilização do crédito para consumo e reajustam o nível de consumo de maneira mais rápida em épocas de desaceleração. Quando se analisa o resultado através dos subíndices do indicador, verifica-se que apenas a percepção em relação ao emprego atual se encontra positiva. Todos os outros, como compra

a prazo, nível de consumo atual, perspectiva de consumo, momento para duráveis, perspectiva profissional e renda atual, estão abaixo dos 100 pontos e, no mês de outubro, variaram positivamente de maneira modesta.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) mostra piora na percepção de endividamento das famílias pelo terceiro mês consecutivo. Outubro ficou com percentual de 68,8% de famílias endividadas, porém o valor é inferior ao mesmo período do ano anterior, quando atingiu 71,9%, apontando uma piora mensal e uma melhora anual. Segundo a pesquisa, a alta da taxa equivale a um incremento de 4.808 famílias endividadas em apenas um mês. Os entrevistados que dizem possuir contas em atraso não tiveram variação expressiva, saindo de 27,6% para 27,7%. A parcela mais preocupante é a de famílias que informam não ter condições de efetuar o pagamento, que saiu de 17% para 17,4%, o que equivale a um total de 87.367 famílias.

Gráfico 9



Analisando por tipo de dívida, o cartão de crédito continua apresentando percentual expressivo de 92,7%, revelando que a perda no poder de compra das famílias, verificada principalmente nos últimos dois anos, fez com que muitas não conseguissem reajustar as despesas e mantivessem o nível de consumo através do

financiamento dos cartões de crédito, para compensar a perda da renda real. Mais de 60% das dívidas se encontram com mais de 90 dias de atraso, nível de difícil recuperação de crédito. Os endividados informam ter entre 11% e 50% da renda comprometida.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO.

Índice de Consumo das Famílias (ICF).

Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC).

Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic).

GERÊNCIA DE INVESTIMENTOS/BANCO CENTRAL DO BRASIL. Focus - Relatório de Mercado.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Mensal do Comércio (PMC).

Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS).

PNAD Contínua Trimestral.

Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA).

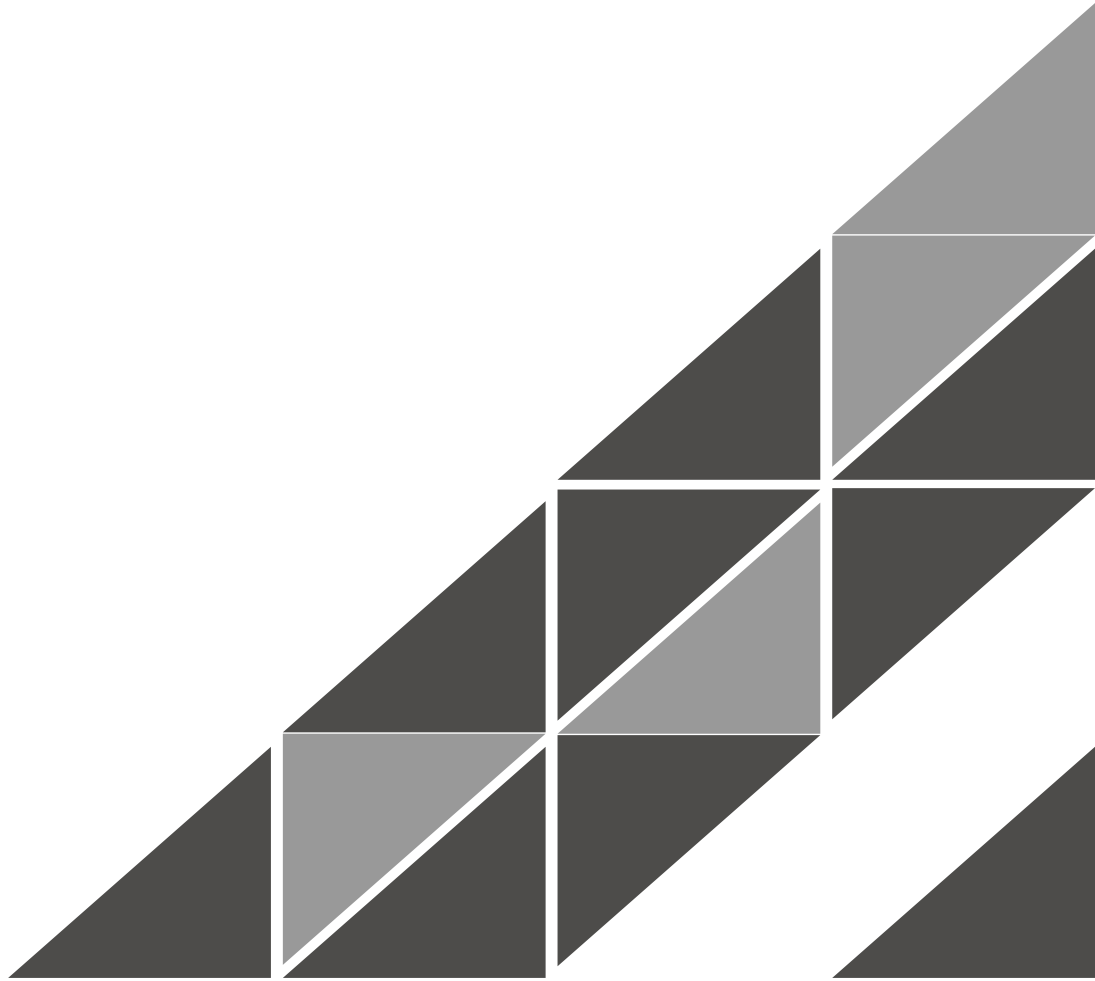
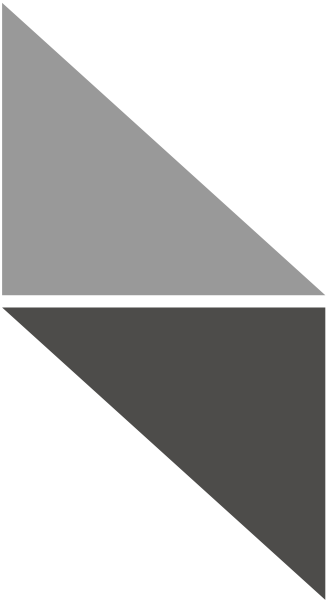
MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Balança Comercial.

MINISTÉRIO DO TRABALHO, EMPREGO E PREVIDÊNCIA SOCIAL. Cadastro Geral de

Empregados e Desempregados Caged.

EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer: Nilo Monteiro
Companhia do Texto (Revisão): Iaranda Barbosa - Revisões Textuais





WWW.FECOMERCIO-PE.COM.BR